



O PERFIL NECESSÁRIO AO PROFESSOR FRENTE À INFLUÊNCIA DA CIBERCULTURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

THE PROFILE NEEDED BY THE TEACHER IN FRONT OF THE INFLUENCE OF CYBERCULTURE IN THE EDUCATIONAL CONTEXT

EL PERFIL NECESARIO POR EL PROFESOR FRENTE A LA INFLUENCIA DE LA CIBERCULTURA EN EL CONTEXTO EDUCATIVO

Rejuany Nora Klein da Silva¹

RESUMO

Vivemos numa sociedade em rede na qual as informações são difundidas rapidamente por meio das relações entre pessoas e tecnologias digitais. Tais relações provocam potenciais mudanças em todas as esferas da sociedade, visto que com as tecnologias digitais surge uma nova formação cultural. Isto porque cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio. Nesse contexto, se torna onipresente na atual sociedade a cibercultura, a qual é a cultura contemporânea estruturada pela utilização das tecnologias digitais em rede nas esferas do ciberespaço e do espaço urbano. Esta formação cultural traz novas demandas para a educação, pois faz emergir novas relações com o saber e exige uma nova postura dos profissionais da educação. Desse modo, consideramos nesse artigo um breve histórico da cibercultura, sua definição e a sua relação com a educação, a necessidade de um novo perfil do professor frente à influência da cibercultura no contexto educacional e como sua formação pode lhe auxiliar a ter este novo perfil.

PALAVRAS-CHAVE: cibercultura, educação, professor.

ABSTRACT

We live in a networked society in which information is quickly disseminated through relationships between people and digital technologies. Such relationships cause potential changes in all spheres of society, since with digital technologies a new cultural formation appears. This is because each new means of communication brings with it its own cultural cycle. In this context, cyberculture becomes ubiquitous in today's society, which is contemporary culture structured by the use of digital network technologies in the spheres of cyberspace and urban space. This cultural formation brings new demands for education, as it brings new relationships to knowledge and demands a new attitude from education professionals. Thus, we consider in this article a brief history of cyberculture, its definition and its relationship with education, the need for a new profile of the teacher in face of the influence of cyberculture in the educational context and how his training can help him to have this new profile.

KEYWORDS: cyberculture, education, teacher.

Submetido em: 23/01/2020 – **Aceito em:** 31/03/2017 – **Publicado em:** 18/08/2020.

¹ Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-graduada em Gestão Educacional pela Faculdade Integradas Maria Thereza e em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes. Orientadora Pedagógica na Escola Municipal Jardim Ipitangas (EMJI), em Saquarema/RJ-Brasil.

**RESUMEN**

Vivimos en una sociedad en red en la que la información se difunde rápidamente a través de las relaciones entre las personas y las tecnologías digitales. Tales relaciones causan cambios potenciales en todas las esferas de la sociedad, ya que con las tecnologías digitales aparece una nueva formación cultural. Esto se debe a que cada nuevo medio de comunicación trae consigo su propio ciclo cultural. En este contexto, la cibercultura se vuelve omnipresente en la sociedad actual, que es una cultura contemporánea estructurada por el uso de tecnologías de redes digitales en las esferas del ciberespacio y el espacio urbano. Esta formación cultural trae nuevas demandas de educación, ya que trae nuevas relaciones al conocimiento y exige una nueva actitud de los profesionales de la educación. Por lo tanto, consideramos en este artículo una breve historia de la cibercultura, su definición y su relación con la educación, la necesidad de un nuevo perfil del profesor frente a la influencia de la cibercultura en el contexto educativo y cómo su formación puede ayudarlo a tener este nuevo perfil.

PALABRAS CLAVE: cibercultura, educacion, profesor.

INTRODUÇÃO

Vivemos na sociedade em rede, isto é, permeada pelas relações entre pessoas e tecnologias digitais, as quais fazem com que as informações sejam difundidas muito rapidamente. Segundo Castells (1999), estas informações são utilizadas para gerar conhecimentos e dispositivos de processamento e comunicação. O autor supracitado destaca ainda que “a informação representa o principal ingrediente de nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico de nossa estrutura social” (CASTELLS, 1999, p. 505).

Pretto e Bonilla (2008) ressaltam que com as redes, pessoas, instituições e setores ficam conectados. Tais redes auxiliam a articular ações. A partir delas e da apropriação das tecnologias pelas pessoas, surgem novas formas de ser, de pensar e de produção de saberes na atual sociedade. As tecnologias digitais provocam “uma profunda mutação na relação com o saber” (LÉVY, 1999, p. 174), fornecem a possibilidade da construção do conhecimento em rede de forma colaborativa.

Desse modo, percebemos presente em todas as esferas da sociedade o uso de tecnologias digitais conectadas em rede. Isto provoca potenciais mudanças em tais esferas, incluindo a esfera educacional. Santaella (2003) destaca que essas mudanças ocorrem devido ao ciclo cultural próprio que cada novo meio de comunicação traz consigo. Nesse contexto, se torna onipresente na atual sociedade a cibercultura, que “é a cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais em rede nas esferas do ciberespaço e das cidades” (SANTOS, 2011, p. 77).

No cotidiano escolar são usados diversos dispositivos digitais por discentes e docentes, porém, na maioria das vezes, os mesmos não são potencializados pedagogicamente. Vários professores percebem tais dispositivos não como aliados, mas sim como inimigos do processo de ensino-aprendizagem; acreditam que eles atrapalham a dinâmica de suas aulas, muitas vezes, ainda pautada



no falar-ditar do mestre, no qual a escola está baseada há cinco mil anos como ressalta Pierre Lévy (1996). Em contrapartida, os discentes estão a todo o momento conectados, utilizando e interagindo com os recursos da infraestrutura tecnológica digital e, dessa maneira, querem também interagir ativamente no âmbito escolar, desejando construir uma aprendizagem significativa.

Nesse sentido, percebemos a necessidade do professor ter um novo olhar frente à influência da ciberultura no contexto educacional, de modo a estar atento às mudanças que tal formação cultural traz consigo e assim, assumir o novo perfil que lhe é exigido se tornando um professor pesquisador-autor de suas práticas curriculares.

CIBERCULTURA: BREVE HISTÓRICO E CONCEITO

Ao surgir a humanidade surgiu também a cultura, pois “não há uma separação entre uma forma de cultura e o ser humano” (SANTAELLA, 2003, p. 30). A cultura é construída pelo ser humano e este se constrói através da cultura, ambos estão interligados em sua existência; isto porque a cultura é um organismo vivo e inteligente, o qual se adapta de forma imprevisível e surpreendente, conforme nos mostra Santaella (2003). Este aspecto da cultura auxilia o ser humano no seu desenvolvimento pessoal e na sua vida em sociedade.

A cultura é definida por Duarte e Martins (2012 *apud* MALANCHEN, 2013, p. 1) como “a atividade humana acumulada, envolve a ação do ser humano e sua relação com a natureza para produzir sua existência”. Assim, o ser humano está imbricado na cultura e esta a ele, pois ao formar a cultura o indivíduo se forma como ser humano e, em sua formação produz cultura.

Santaella (2003) divide o processo cultural da humanidade desde o seu início em seis tipos de formações culturais: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital ou ciberultura. No entanto, tal divisão não indica que uma nova formação cultural que surge elimine as outras. Pelo contrário, a nova formação cultural integra àquelas já existentes, fazendo com que ocorra reajustamentos e refuncionalizações.

De todas estas seis formações culturais existentes, atualmente vivenciamos o desenvolvimento da ciberultura de forma onipresente, pois a rede de comunicação, compartilhamento e intercâmbio de informações “passa a envolver os usuários e os objetos numa conexão generalizada” (LEMOS, 2004, p. 1).



A cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer, (...) pois cada novo nó da rede de redes em expansão constante pode tornar-se produtor ou emissor de novas informações, imprevisíveis, e reorganizar uma parte da conectividade global por sua própria conta. (LÉVY, 1999, p. 15, 113)

Essa universalidade desprovida de significado central é chamada por Lévy (1999, p. 113) de universal sem totalidade² e “constitui a essência paradoxal da cibercultura”. Tal universalidade fornece acesso à inteligência coletiva enquanto ato humano por meio da participação intensa da humanidade através da interconexão das redes telemáticas.

A cibercultura não surgiu tão recentemente. Lemos (2002) nos mostra que esta formação cultural surge na década de 50 por meio do imbricamento entre a cibernética e a informática. Torna-se popular na década de 70 com o surgimento do microcomputador e da informatização da sociedade. Nos anos 80 e 90, a cibercultura se consolida com o surgimento das tecnologias digitais como infraestrutura do ciberespaço, o qual Lévy (1999, p. 32) entende como “espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento”. Atualmente, vivenciamos a fase da cibercultura denominada “cibercultura móvel e ubíqua”, segundo Santos (2014, p. 32), a qual é marcada pela evolução das tecnologias sem fio de acesso ao ciberespaço e dos dispositivos móveis.

Neste século XXI, a cibercultura vem a se desenvolver com maior potencialidade, visto que surge uma nova fase da sociedade da informação

(...) radicalizada com o desenvolvimento da computação sem fio, pervasiva e ubíqua, a partir da popularização dos telefones celulares, das redes de acesso à internet sem fio (“Wi-Fi” e “Wi-Max”) e das redes caseiras de proximidade com a tecnologia “bluetooth”. (LEMOS, 2004, p. 1)

Assim, a sociedade em que vivemos passa por transformações no modo como produz e consome informação, em sua forma de viver no espaço urbano e em suas práticas sociais. Nesse contexto, é importante compreendermos o significado de cibercultura. Alguns autores que estudam o tema trazem as seguintes definições:

[Cibercultura é] o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17)

² Quanto mais universal (extenso, interconectado, interativo), menos totalizável.



(...) podemos compreender ciberultura como a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica. (...) A ciberultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. (LE MOS, 2003, p. 11)

Considerando as definições de ciberultura por Lévy (1999) e Lemos (2003), podemos sintetizar seu significado por meio de como Santos (2010, p. 77) a define: “a ciberultura é a cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais em rede nas esferas do ciberespaço e das cidades”. Dessa forma, percebemos que a ciberultura está presente em nosso cotidiano e faz parte de nossa vida, pois vivemos em uma sociedade em rede, na qual as informações são difundidas de forma rápida, principalmente na fase atual, com a emergência da mobilidade ubíqua em conectividade com o ciberespaço e com o espaço urbano (SANTOS, 2012).

Sendo parte integrante de nosso dia a dia, a ciberultura se faz presente também no contexto educacional e, como afirma Lévy (1999), traz através do uso das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa uma mutação na relação com o saber, como veremos na seção seguinte “Ciberultura e educação”.

CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO

A presença das tecnologias de informação e comunicação traz uma nova reconfiguração para todas as esferas da sociedade: social, cultural, educacional, política e econômica. Essa nova reconfiguração, segundo Lemos (2003), emerge com os três princípios básicos da ciberultura:

- Reconfiguração – trata-se de reconfigurar práticas e modelos midiáticos, porém sem substituir seus respectivos antecedentes.
- Liberação do polo da emissão – as pessoas passam a ser praticantes ao produzir, cocriar, colaborar e emitir informações.
- Conectividade generalizada – as pessoas precisam estar conectadas com outras pessoas e, assim, cocriar em rede, realizar troca de informações, distribuir conhecimentos e saberes de forma interativa.

Dessa forma, percebemos que a ciberultura exige mudanças na educação, visto que atualmente, os alunos não necessitam ir à escola para obterem informações, pois estas chegam a nós a todo momento em qualquer lugar que estejamos. Segundo Pozo (2002, p. 35), “(...) em nossa sociedade não é preciso buscar ativamente a informação, desejar aprender algo, para encontrá-la. É, antes, a informação que nos busca, através da mediação imposta pelos canais de comunicação social”. Sendo assim, ao ir à escola os discentes não se contentam em ser apenas ouvintes sem intervir no que lhes está sendo dito,



desejam ser ativos no processo de ensino-aprendizagem. Como destaca Silva (2003), os alunos estão exigindo uma nova ambiência de aprendizagem, estão cada vez menos passivos às mensagens que não possibilitem intervenção.

Nesse sentido, a escola, enquanto instituição formal de ensino, pode potencializar a produção do conhecimento na interface cidade-ciberspaço, visto que aprendemos em mobilidade e com conexão, conforme destaca Santos (2014). O foco do processo de ensino-aprendizagem

(...) não é mais no professor transmissor de informações (Escola Tradicional), nem na aprendizagem centrada no aluno (Escola Nova) ou na tecnologia (Escola Tecnicista). O foco é a rede! O ator é a rede! Redes de seres humanos (professores, estudantes, praticantes culturais) e objetos técnicos cocriando na interface cidade-ciberspaço. (...) Criar, compartilhar, remixar, reutilizar informações e saberes em rede e de forma colaborativa são desafios para a educação em tempos de cibercultura na era da mobilidade. (SANTOS, 2014, p. 48)

Percebemos a necessidade de aprender em rede através de uma construção em conjunto do conhecimento ao utilizarmos a troca de experiências e informações. Nessa perspectiva todos interagem no processo de ensino-aprendizagem, cada um que participa possui uma contribuição importante para uma aprendizagem colaborativa e significativa.

A cibercultura contribui para amplificação, exteriorização e modificação de diversas funções cognitivas humanas: memória, imaginação, percepção e raciocínio, de acordo com Lévy (1999). Favorece também “novas formas de acesso à informação” e “novos estilos de raciocínio e de conhecimento”, o que traz a necessidade de proporcionar “ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede” (LÉVY, 1999, p. 159, 160).

Assim, a cibercultura faz surgir novas maneiras de se entender e direcionar o processo de ensino-aprendizagem; também exige ambientes de aprendizagem que sejam motivadores, dinâmicos e onde se construa o conhecimento colaborativamente de forma ativa e significativa. Com a conectividade generalizada, a escola dispõe de novas possibilidades para promover o processo de ensino-aprendizagem, o qual pode ser direcionado por meio da coautoria, da participação ativa de professores e alunos na construção do conhecimento, debate de ideias, troca de experiências, entre outros.

Torquato (2012, p. 67) ressalta que a educação é um fenômeno da cultura e “precisa ser compreendida, procurando os sentidos da existência do ser humano como aquele que a realiza, que a torna possível, ou seja, é preciso significar a educação vivida humanamente como tal”. Dessa forma, percebemos que se a educação é um fenômeno da cultura e a cibercultura é a cultura contemporânea, esta já está presente na educação, porém, é necessário refletirmos sobre como seus recursos vem sendo utilizados no campo educacional, visto que “a educação precisa resgatar a sua dimensão



fundamental de ser o espaço da criação, da colaboração, da generosidade e do compartilhamento” (PRETTO, 2012, p. 101).

Percebemos que “a ciberultura é formativa; afinal aprendemos em rede e o ciberespaço é um espaço multirreferencial de aprendizagem, pois (...) permite interatividade com diversas culturas, linguagens, discursos, tecnologias” (SANTOS, 2010, p. 95). Com esta nova formação cultural, a escola pode além de trabalhar conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade, fazer de si um espaço de autoria, pois possui a possibilidade de compartilhar o que realiza. Para que isto ocorra na instituição escolar, os profissionais que atuam nesse contexto podem contribuir de forma eficaz, dentre eles destaque o professor.

O NOVO PERFIL NECESSÁRIO AO PROFESSOR NO CONTEXTO DA CIBERCULTURA

A sociedade contemporânea, vivendo a ciberultura, exige a redefinição das finalidades da educação para atender às novas demandas. Exige uma educação intercultural que esteja voltada para o desenvolvimento social e para a construção da cidadania. Isto faz com que a escola necessite ser mais flexível, variável, conveniente, voltada para diferentes tipos de alunos, que seja desenvolvida com as novas mídias de informação e comunicação e com práticas pedagógicas que sejam adaptáveis aos diversos estudantes.

A atual sociedade demanda que a educação habilite os discentes a lidar com as crescentes mudanças, integrados com o meio tecnológico e sempre prontos a se atualizar. Nesse sentido, Jacques Delors (2000) estabelece quatro pilares para a educação do século XXI, os quais são: aprender a viver junto, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser.

O pilar aprender a viver junto destaca a interdependência do mundo moderno e a importância das relações, ressaltando que tudo está interligado. O pilar aprender a conhecer destaca que, hoje, o processo educacional tem a tarefa de ensinar como gerir a informação, visto que a sociedade atual é movida pelo conhecimento e as informações chegam em grande quantidade aos educandos. Já o pilar aprender a fazer, ressalta que a educação no século XXI tem a função de associar a técnica com a aplicação de conhecimentos teóricos. Por sua vez, o pilar aprender a ser, salienta a importância de cada indivíduo a se conhecer e compreender melhor, visto que suas ações podem interferir no destino coletivo. Dessa forma, destaca que a sociedade contemporânea exige de cada pessoa uma enorme capacidade de autonomia e uma postura ética.

A educação precisa favorecer a flexibilidade e a diversidade, bem como



(...) desenvolver objetivos significativos como: valorizar a inteligência coletiva e não a individual; perceber que todos são capazes e não uma minoria; valorizar as inteligências múltiplas; a emoção e a imaginação devem ser tão importantes quanto o conhecimento técnico; ter capacidade de resolver questões abertas e imaginar futuros alternativos, assim como a necessidade contínua de adquirir novos conhecimentos durante toda a vida.

(...) a educação do século XXI tem a finalidade de facilitar a adaptação aos diferentes trabalhos que aparecem com a evolução da produção diante da globalização, onde talento e criatividade são importantes, assim como formar cidadãos democráticos e conscientes dos seus direitos e deveres e que resgate o ser humano existente dentro de cada um de nós. (MARTINEZ E PERIC, 2009, p. 11)

Assim, a educação é vista como tendo um importante papel no desenvolvimento de uma prática dinâmica e reflexiva, que possibilite aos indivíduos a consciência da realidade humana e social mediante uma perspectiva globalizadora, segundo Schafranski (2005), em que a educação se apresenta com um triplo papel: econômico, científico e cultural, suprimindo, dessa forma, as exigências da sociedade atual.

A educação no século XXI, de acordo com Silva e Cunha (2002, p. 79), “deverá ser uma educação ao longo da vida, deverá se preocupar com a formação do cidadão, da pessoa em seu sentido amplo”. Assim,

(...) a educação no século XXI estará atrelada ao desenvolvimento da capacidade intelectual dos estudantes e a princípios éticos, de compreensão e de solidariedade humana. A educação visará a prepará-los para lidar com mudanças e diversidades tecnológicas, econômicas e culturais, equipando-os com qualidades como iniciativa, atitude e adaptabilidade (SILVA e CUNHA, 2002, p. 80)

Dessa maneira, para atender às demandas da sociedade e realizar a educação que tal sociedade necessita, a escola precisa modificar sua forma, seus métodos de ensino, ser flexível, interativa e dar atenção à diversidade, de modo a proporcionar aos educandos “uma formação crítica que possibilite a seleção e a ressignificação de informações e conhecimentos” (MENDONÇA e MARTINS, 2013, p. 5). Para isso, temos dentro do ambiente escolar o professor atuando diretamente no processo de ensino-aprendizagem. Este profissional deve estar atento às mudanças que a ciberultura traz para a educação, pois

Uma vez que se consolida como ambiência comunicacional favorável à autoria, compartilhamento, conectividade, colaboração e interatividade, a ciberultura em sua fase atual potencializa as práticas pedagógicas baseadas em fundamentos valorizados como autonomia, diversidade, dialógica e democracia. De nada adiantam as potencialidades comunicacionais favoráveis à educação em nosso tempo se o professor se encontra alheio ao que se passa no atual cenário sociotécnico. Para tanto, faz-se necessária imersão das práticas culturais do nosso tempo integrando vida cultura, docência e pesquisa. (SANTOS, 2014, p. 28-29)



É preciso que aconteça a inclusão ciber cultural do professor, tendo em vista que se este profissional ficar alienado ao cenário atual não adiantará as potencialidades comunicacionais favoráveis às práticas educativas interativas e à educação democrática.

O professor precisa estar consciente de que vivenciamos a ciber cultura e isto exige que mude sua postura, deixe de ser um mero transmissor de conhecimentos, pois, a ciber cultura trouxe consigo uma “mudança qualitativa nos processos de aprendizagem”, estabelecendo “novos paradigmas de aquisição dos conhecimentos e de constituição de saberes” (LÉVY, 1999, p. 173). Isto ocasiona mudanças para o perfil docente, visto que a difusão dos conhecimentos atualmente não é mais feita por ele, mas é realizada eficazmente por outros meios. Dessa forma,

(...) sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens. (LÉVY, 1999, p. 173)

Nesse âmbito, o professor necessita atualizar sua prática pedagógica levando em consideração os novos processos do conhecimento. Precisa estar preparado para agir neste cenário em que estamos inseridos repleto pelas tecnologias digitais. O docente deve ser “capaz de ressignificar a aprendizagem e estimular a produção coletiva – de forma autônoma e organizada através das redes digitais, pois somente assim a educação será capaz de atender as demandas” atuais (COUTINHO E LISBÔA, 2011, p. 15). Para isso, este profissional deve planejar, avaliar e aperfeiçoar suas ações pedagógicas de forma a promover mudanças dentro da sala de aula, tendo por objetivo a eficiência do processo educacional.

Sobre o processo de construção de novos conhecimentos, Santos (2014) destaca que

(...) é necessário mobilizar saberes e competências diretamente relacionados aos letramentos em tempos de ciber cultura, ou seja, como educadores devemos criar, mediar e gerir ambiências educativas para a instituição de autorias diversas que aproveitem os potenciais das múltiplas linguagens e mídias; devemos produzir, remixar, reutilizar, arquitetar, mediar e gerir comunidades de práticas e expressões cidadãs. (p. 48)

O educador tem um papel fundamental na construção do conhecimento, pois com tantas informações que temos é necessário selecioná-las, dar-lhes sentido e significado. É nesse aspecto que o professor irá atuar aprendendo junto com seus alunos, mediando e coordenando o processo de ensino-aprendizagem, pois em tempos de ciber cultura

A prática docente capaz de contemplar a dinâmica baseada em mobilidade, ubiquidade, autoria, conectividade, colaboração e interatividade deverá propiciar oportunidades de



múltiplas experimentações e expressões, disponibilizar uma montagem de conexões em rede que permita múltiplas ocorrências e provocar situações de inquietação criadora e colaborativa. (SANTOS, 2014, p. 43)

Nesse âmbito, percebemos que é de suma importância a docência interativa através da participação e intervenção dos alunos; troca de saberes; oferta de informações em redes de conexões para que os alunos possam realizar associações e significações; cocriação numa construção dialógica do conhecimento; garantia de um ambiente de aprendizagem em que estejam presentes intertextualidade, intratextualidade, multivocalidade, usabilidade, integração de várias linguagens e hipermídia; bem como a avaliação formativa e contínua por meio de instrumentos e critérios selecionados cooperativamente.

O docente precisa ensinar aos alunos por meio da construção colaborativa do conhecimento, tornando-os sujeitos ativos no processo educativo, “propondo práticas curriculares mais comunicativas, com mais e melhores autorias e mediações coletivas e em rede” (SANTOS, 2010, p. 88). No entanto, para que o professor tenha este novo perfil que lhe é exigido no contexto da ciberultura, faz-se necessário que sua formação o torne capaz de ser pesquisador-autor de suas práticas curriculares.

O PROFESSOR COMO PESQUISADOR-AUTOR DE SUAS PRÁTICAS CURRICULARES

Visto que as exigências trazidas pela ciberultura demanda que o docente abandone a postura adotada a tantos anos na escola em que reproduz conhecimentos aos discentes, atualmente vem sendo abordada como uma maneira de alcançar o novo perfil exigido a este profissional, a formação do professor pesquisador-autor, ou seja, formar o docente com conhecimento em realizar pesquisa, capaz de produzir conhecimento e autor de suas práticas curriculares.

Nóvoa (2001, sp) define o professor pesquisador como “aquele que pesquisa ou que reflete sobre a sua prática”, que indaga e “assume a sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa, como objeto de reflexão, como objeto de análise”. Desse modo, este docente é capaz não apenas de ministrar conteúdos, mas também de estimular a reflexão, a crítica e o aprendizado mais amplo do educando.

Leal (2004 *apud* LUZ e GESSER, 2006, p. 420) nos explica que

A pesquisa é, [...], uma atividade que visa à produção de conhecimentos, possibilitando inúmeras aprendizagens: aprende-se a ordenar as próprias ideias, a olhar e pensar a realidade cientificamente, a buscar e utilizar para os próprios objetivos de investigação a informação teórica e factual disponível.



Assim, ao pesquisar e adquirir as habilidades que esta prática proporciona, o professor consegue formar seus alunos para que possam avaliar, julgar, selecionar e se situar de forma crítica e participativa diante das inúmeras informações que nos chegam rapidamente a todo momento. Dessa maneira, atende às exigências trazidas pela cibercultura, formando “cidadãos éticos e íntegros, conscientes de seus deveres e direitos, afeitos à criatividade e à reflexão, elementos básicos para se construir novos conhecimentos e diferentes concepções sobre o mundo que os cerca” (OLIVERI, COUTRIM e NUNES, 2010, p. 295).

Nesse sentido, consideramos de real importância que o professor utilize a pesquisa em sua prática pedagógica, pois

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2010, p. 29)

Com esta fala de Paulo Freire constatamos que a pesquisa dentro da escola possui o papel tanto de produção quanto de construção do conhecimento através da interação entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, Santos (2014, p. 129) ressalta que “a pesquisa é base para a produção do conhecimento, principalmente quando tem relação direta com a reflexão na e sobre a ação docente”.

Por ser um professor pesquisador-autor, o docente se mostra apto a lidar com as novas situações presentes na sala de aula, como por exemplo, a mobilidade. Ao invés de ver os dispositivos móveis como algo prejudicial à sua aula, o professor pesquisador-autor irá refletir sobre sua prática e encontrar por meio da pesquisa maneiras de transformar tais dispositivos em potencializadores de sua prática pedagógica, agindo com um olhar crítico e criativo.

Segundo Freire (2010, p. 29), a pesquisa faz parte da natureza da prática docente. Dessa maneira, o referido autor ressalta que o necessário é que, “em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador”. Para que isto ocorra é preciso que a formação docente aborde o tema da pesquisa e estimule este profissional a ser um pesquisador em suas práticas curriculares.

Diante disso, na formação inicial, o currículo poderia configurar a pesquisa como princípio formador e componente essencial da formação, assegurando, na formação do professor, a oferta de disciplinas que propiciem o contato com a pesquisa, criando diferentes situações nas quais a pesquisa se faça presente, buscando formar um professor-pesquisador, que



compreenda a importância desta e saiba utilizá-la como um instrumento orientador de sua prática pedagógica. (LUZ e GESSER, 2006, p. 419)

Assim, percebemos que é de suma importância que a formação inicial do professor trabalhe em seu currículo a pesquisa de modo que proporcione o desenvolvimento de habilidades e atitudes de um pesquisador em formação, instigando nele o gosto e o desejo pela atividade de pesquisa. No entanto, não é total responsabilidade da formação inicial de formar o professor pesquisador, pois a sua formação é um processo contínuo, se dá ao longo da vida. Isto quer dizer que, embora a formação inicial tenha uma grande influência em formar o professor pesquisador, tal profissional necessita continuar se formando ao longo de sua trajetória através do exercício da pesquisa em suas práticas curriculares.

Demo (2005) ressalta a importância do professor utilizar a pesquisa como instrumento do processo educativo para que a atividade de reprodução de conteúdos sem reflexão e aplicação prática não se perpetue. Por meio da pesquisa o docente busca compreender como seus alunos se desenvolvem e aprendem a se tornarem autores na interpretação da realidade em que vivem e dos conhecimentos que são seus objetos de estudo.

Portanto, constatamos que é necessário ser um professor pesquisador-autor na ciberultura, pois ao assumir tal postura o docente reflete sobre sua prática curricular, repensando e replanejando-a de forma a guiá-la pelo melhor caminho diante das situações que acontecem no ambiente escolar. Assim, se constrói como autor de sua prática por meio da pesquisa da mesma visando o êxito do processo de ensino-aprendizagem. O professor pesquisador-autor consegue analisar os contextos no qual estão inseridas as situações que acontecem no dia a dia da escola, é capaz de construir conhecimentos e compreender o seu papel de educador, formando cidadãos críticos, reflexivos e participativos na sociedade de que fazem parte. Desse modo, atende às exigências trazidas pela ciberultura, alcançando o novo perfil que lhe é exigido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciberultura provoca mudanças em todas as esferas da sociedade contemporânea, trazendo novas demandas para vários contextos, dentre os quais destacamos neste artigo o contexto educacional.

A educação no século XXI visa preparar os estudantes para que sejam capazes de selecionar e ressignificar informações e conhecimentos de forma crítica, visto que em tempo de ciberultura as informações chegam a nós a todo momento e em qualquer lugar que estejamos. Sendo assim, a escola



deixa de ser o lugar privilegiado que proporciona aprendizagens, pois esta formação cultural faz emergir novas relações com o saber de modo a aparecer novas formas de se compreender e direcionar o processo educacional. Isto exige que a escola modifique seus métodos de ensino, seja flexível e interativa.

Nesse sentido, o professor que atua diretamente no processo de ensino-aprendizagem é convocado a assumir um novo perfil, não agindo apenas como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um incentivador da aprendizagem por meio do acompanhamento e gestão desse processo. Para isso, é importante que o docente planeje, avalie e aperfeiçoe suas ações pedagógicas, ensinando aos discentes por meio da construção colaborativa em rede do conhecimento.

Consideramos a possibilidade do educador assumir o novo perfil que lhe é exigido no contexto da cibercultura para ser um professor pesquisador-autor. Nesse âmbito, destacamos a necessidade da formação docente preparar este profissional para que seja capaz de pesquisar a sua prática, de forma a estar apto para lidar com as novas situações presentes na sala de aula.

Assim, destacamos que ao ter a postura de um professor pesquisador-autor, o docente é capaz de analisar as situações do seu cotidiano e replanejar suas práticas curriculares, atendendo as exigências que a cibercultura traz consigo e assumindo o novo perfil que esta formação cultural lhe exige.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Mateus Ubiratan dos; ANDRADE, Cláudio César de. **A relação entre educação e cibercultura na perspectiva de Pierre Lévy**. In: Revista Eletrônica Lato Sensu – UNICENTRO, ed. 5, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: Economia, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, Vol. I.

COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana. **Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para a educação no século XXI**. In: Revista de Educação, vol. XVIII, n.º 1, 2011, p. 5-22.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 7 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.



Revista Docência e Ciberultura

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

LE MOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Ciberultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LE MOS, André. **Ciberultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina. 2002.

LE MOS, André. **Ciberultura e mobilidade: a era da conexão**. Revista eletrônica Razón y palabra, n. 41, 2004, outubro - novembro. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibermob.pdf>. Acesso 30 agosto 2019.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Ciberultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Márcio Roberto de. **Educação na ciberultura: novas possibilidades para o ensino-aprendizagem**. In: REEDUC, vol. 8, n.º 16, 2011.

LUZ, Gizeli; GESSER, Verônica. **O currículo da formação inicial de professores: compromisso com a formação de um professor-pesquisador**. In: Contrapontos, vol. 6, n. 3, p. 413-422, Itajaí, set. / dez. 2006.

MARTINEZ, Suzana Riquelme Moreno; PERIC, Raja Bou Assi. **As Exigências Educacionais para o Mercado de Trabalho no Século XXI**. Disponível em http://www.revistainterfaces.com.br/Edicoes/1/1_4.pdf. Acesso em 21 abril 2019.

MALAGGI, Vitor; MARCON, Karina. **Ciberultura e Educação: algumas reflexões sobre processos educativos na sociedade tecnológica contemporânea**. In: Revista Espaço Acadêmico, n.º 132, maio de 2012, p. 115-123.

MALANCHEN, Julia. **O conceito de cultura: definição e compreensão a partir da teoria marxista**. Disponível em http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/3/artigo_simposio_3_945_julia_malanchen@hotmail.com.pdf. Acesso em 24 abril 2019.



MENDONÇA, Rosa Helena; MARTINS, Magda Frediani. **Apresentação**. In: TV, educação e formação de professores: Salto para o futuro: 20 anos / Rosa Helena Mendonça, Marta Frediani Martins (org.). – Rio de Janeiro: ACERP; Brasília, DF: TV Escola, 2013, v. 4.

NÓVOA, Antônio. **O professor pesquisador e reflexivo**. Entrevista concedida em 13 de setembro de 2001. Disponível em http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=59. Acesso em 10 julho 2019.

OLIVERI, Andressa Maris Rezende; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação; NUNES, Celia Maria. **Como se forma o professor pesquisador? Primeiras aproximações a partir de um estudo de caso**. In: Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 1, n. 2, p. 293-311, jul. / dez. 2010.

PESCE, Marly Krüger de. **Professor pesquisador na visão do acadêmico de licenciatura**. IX ANPEDSUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/754/441>. Acesso em 09 julho 2019.

PRETTO, Nelson. **Professores-autores em rede**. In: Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas / Bianca Santana, Carolina Rossini, Nelson de Luca Pretto (orgs.). São Paulo / Salvador, 2012.

PRETTO, Nelson; BONILLA, Maria Helena. **Construindo redes colaborativas para a educação**. Revista Fonte, n. 8: Belo Horizonte, 2008, p. 83-87.

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. Revista Famecos, n. 22: Porto Alegre, 2003, p. 23-32.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos**. In: Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões / Helena Amaral da Fontoura e Marco Silva (orgs.). Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente**. Salvador, Tese de doutorado apresentada na FAGED-UFBA, 2005 [Orientador: Prof. Dr. Roberto Sidney Macedo].

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **A cibercultura na era das redes sociais e da mobilidade: novas potencialidades para a formação de professores**. Disponível em <http://docenciaonline.pro.br/moodle/file.php/30/Selic2011-projeto-edmeasantos3.pdf>. Acesso em 14 julho 2019.



SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na ciberultura**. 1ª ed. Santo Tirso: Whitebooks, 2014.

SCHAFRANSKI, Márcia Derbli. **A educação e as transformações da sociedade**. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/viewFile/550/549>. Acesso em 23 abril 2019.

SILVA, Edna Lúcia da; CUNHA, Miriam Vieira da. **A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n3/a08v31n3.pdf>. Acesso em 23 abril 2019.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SILVA, Marco. **Reinventar a sala de aula na ciberultura**. Pátio Revista Pedagógica, ano VII, nº 26 maio/julho 2003.

TORNAGHI, Alberto. **Salto para o futuro: 20 anos**. In: TV, educação e formação de professores: Salto para o futuro: 20 anos / Rosa Helena Mendonça, Marta Frediani Martins (org.). – Rio de Janeiro: ACERP; Brasília, DF: TV Escola, 2013, v. 4.

TORQUATO, Emanuel Marcondes de Souza. **Ciberultura e educação: reflexões sobre o papel do professor**. In: Caderno de Cultura e Ciência, Ano VII, v. 11, n. 2, dez., 2012.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.